

O FUTURO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: NIETZSCHE REVISITADO

Maura Maria Morais de Oliveira Bolfer¹

RESUMO: O objeto deste artigo é partir dos textos *Schopenhauer como educador* e *Sobre el porvenir de nuestras instituciones educativas*, ambos de Nietzsche, e a obra *Educação: um tesouro a descobrir*, de Jacques Delors et al., para saber em que medida os modelos educacionais preconizados pelo filósofo alemão podem ser agora validados face às tendências estabelecidas pelos Quatro Pilares da Educação para o Século XXI constantes do Relatório 2000 da UNESCO.

PALAVRAS-CHAVES: Educação; Filosofia; Nietzsche.

ABSTRACT: The object of this paper is to leave of the texts *Schopenhauer como educador* and *Sobre el porvenir de nuestras instituciones educativas*, both of Nietzsche, and the work *Educação: um tesouro a descobrir*, by Jacques Delors et al., to know in that measured the educational models extolled by the German philosopher they can be validated face now to the established tendencies for the Four Pillars of the Education for the Century XXI constant of the Report 2000 of UNESCO.

KEY-WORDS: Education; Philosophy; Nietzsche.

Introdução

Em 1874, Nietzsche redige a terceira Consideração Extemporânea — *Schopenhauer como educador* —, na qual critica severamente o sistema educacional da Alemanha do século XIX. Para ele, apaixonado estudioso da filologia grega, a Grécia

¹ Mestranda em Educação pela FE/UNICAMP; Professora do Instituto Superior de Educação Uirapuru, Sorocaba-SP e do Centro Universitário Hermínio Ometto, Araras-SP.

clássica teria de servir de modelo para a formação de grandes homens, no caso, os poetas trágicos.

Nosso objeto de estudo são três textos: *Schopenhauer como educador* e *Sobre el porvenir de nuestras instituciones educativas*, ambos de Nietzsche, e a obra *Educação: um tesouro a descobrir*, de Jacques Delors et al.

Partindo da hipótese de que o sistema educacional brasileiro de agora não evoluiu muito desde Nietzsche, valorizando ainda, em grande parte, o academicismo e o elitismo da educação e da cultura, em detrimento de saberes centrados em competências e habilidades, o objetivo deste artigo é, com base nos referidos textos, estabelecer alguns paralelos produtivos entre eles, a partir das críticas desfechadas por Nietzsche ao ensino de seu tempo na Alemanha, verificando se as novas tendências que vêm despontando no horizonte da educação mundial e brasileira, a partir dos quatro pilares preconizados pela UNESCO (aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, aprender a conviver; aprender a ser), podem satisfazer as expectativas de Nietzsche, indicadas em muitos dos seus escritos no século XIX.

Em outras palavras, buscamos correspondências, indicações, semelhanças e eventuais diferenças entre as críticas e o modelo educacional esboçado pelo filósofo (com base em Schopenhauer, para Nietzsche o gênio-filósofo-educador), e o novo modelo baseado nos quatro pilares apontados pela UNESCO, como base de sustentação para novas perspectivas filosófico-metodológicas da educação no mundo inteiro e, sobretudo, nos chamados países emergentes, entre os quais o Brasil.

Schopenhauer como educador

Desde seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, publicado em 1872, Nietzsche deixava perceber a influência recebida de dois eminentes homens de sua época: Arthur Schopenhauer (filósofo) e Richard Wagner (músico).

Essa sua primeira obra trazia considerações filosóficas a respeito da tragédia na Grécia antiga, tendo agradado a poucos. Nietzsche, aborrecido, refugia-se no trabalho, proferindo conferências, redigindo ensaios e lecionando. De 1869 a 1872 tinha um bom número de alunos, que foi declinando até que, em 1873, ninguém mais apareceu. Sem alunos e repudiado pelos filólogos por causa de seu livro, Nietzsche se afastou e passou a escrever vários textos que seriam publicados bem mais tarde.

Em 1874, teve a idéia de fazer uma série de brochuras polêmicas sobre diferentes temas, que deveriam ser intituladas *Considerações Extemporâneas*. Publicou a primeira em agosto de 1873; a segunda, em 1874, e a terceira, *Schopenhauer Educador*, em outubro desse mesmo ano. Ainda publicou mais uma, a quarta portanto, em 1876. Nas duas primeiras, critica a cultura de sua época e, nas últimas, aponta a filosofia de Schopenhauer e a música de Wagner como marcos de uma renovação cultural na Alemanha.

Em seu texto, *Schopenhauer como Educador*, o filósofo condena o ensino superior oferecido pelas universidades alemãs. Tendo se especializado em cultura grega clássica e admirando profundamente os poetas trágicos (para ele, homens brilhantes), natu-

ralmente comparava a educação e cultura alemãs de seu tempo com a cultura grega, percebendo então a distância que as separava. Segundo seu ponto de vista, que acreditava na supremacia da cultura grega, a indiferença da academia alemã a esta cultura revelava, entre outros defeitos, desconhecimento e mesquinhez. Assim, é bem provável que *Schopenhauer como Educador* tenha sido justamente uma acusação direta e explícita do filósofo ao raquitismo universitário e intelectual de sua época.

O certo é que, neste texto, Nietzsche revela que, tendo como ponto de partida as culturas grega e romana, procurava em seu país, um modelo ideal de educador, de preferência um filósofo, chegando à triste conclusão de que esta era uma missão mais difícil do que pensava, tendo em vista a decadência da inteligência alemã:

Enquanto isto, o tal filósofo me fazia falta e eu tentei em vão com um e outro; descobri assim, o quanto era miserável a nossa condição frente aos gregos e aos romanos, mesmo somente do ponto de vista de uma concepção séria e rigorosa das lições da educação. Com esta necessidade no coração pode-se correr por toda Alemanha indo até mesmo em todas as universidades e não se encontrará aquilo que se procura; pelo contrário, desejos muito mais simples e menos elevados ficam incompletos. (*Schopenhauer como educador — Considerações Extemporâneas III*, p. 4)

Em um outro texto, *Crepúsculo dos Ídolos*, já no período final de sua produção filosófica, Nietzsche continuava a pensar do mesmo modo: “nas nossas escolas não se sabe mais o que significa [aprender a pensar]. Até mesmo na universidade, até mesmo entre os verdadeiros sábios da filosofia, a lógica como teoria, como prática, como profissão, começa a desaparecer”.

Na parte sétima dessa obra, Nietzsche afirma que a Alemanha, a partir de 1871, trilhará por caminhos equivocados, pois dedicará-se à política, sem se dar conta de que o poder torna os homens estúpidos. Na seção final, aparece um breve tratado de como deveria ser a educação, no qual Nietzsche raciocina a partir de sua experiência como professor. Para ele, resumindo, a educação deveria se basear em três aspectos: aprender a ver; aprender a pensar; aprender a falar e a escrever.

É um quase-consenso entre os biógrafos de Friedrich Nietzsche de que a evolução de sua teoria deve-se, em grande medida, a Schopenhauer. Apesar de algumas divergências, que inclusive se acentuaram ao longo do tempo, Nietzsche se sentiu sempre muito mais próximo de Schopenhauer que de nenhum outro pensador anterior a ele. Portanto, como o próprio título da obra antecipa, em seu texto, Nietzsche homenageia seu mentor em um campo no qual nunca se deu bem, ao contrário do modelo, considerado o verdadeiro educador de que a universidade de seu tempo necessitava (embora não o aceitasse), notadamente por sua luta contra o academicismo reinante colocado a serviço do Estado.

Em primeiro lugar, para Nietzsche, educação significava libertação:

Os seus verdadeiros educadores e mestres revelam o sentido originário e a matéria fundamental do seu ser, algo que não se pode absolutamente educar nem formar, mas em todo caso é de difícil acesso por estar amarrado, paralisado: os seus educadores não podem ser nada mais que seus libertadores. (*Schopenhauer como educador*, p. 3)

Duas outras máximas falam no envolvimento e aproveitamento de todas as energias de alunos e mestres rumo à maturidade e à fecundidade educativas:

A primeira pede que o educador reconheça a força essencial dos seus alunos e então dirija todas as energias e todo raio de sol justamente nessa direção, para ajudar aquela única virtude a alcançar a correta maturidade e fecundidade. A segunda máxima pede que o educador faça crescer todas as forças à disposição, cuide delas e as leve a uma relação harmônica. (*Schopenhauer como educador*, op. cit., p. 3-4).

Poeticamente, Nietzsche enumera as virtudes requeridas ao mestre-pensador: "O verdadeiro pensador reconforta e acalma sempre, exprimindo a sua seriedade ou a sua brincadeira, a sua perspicácia humana ou a sua divina indulgência; sem gestos cheios de rancor, mãos trêmulas, olhos cheios d'água, mas com segurança e simplicidade, com coragem e força". (*Schopenhauer como educador*, p. 4)

Em seguida, dirá que a cultura propõe a tarefa de nos prepararmos interna e externamente para deixar fluir em nós o filósofo, o artista, o santo, com o fim de trabalharmos no aperfeiçoamento da natureza. Porém, por outro lado, mostrará também que um tal modelo de educação é essencialmente aristocrático, elitista.

Para Nietzsche, Schopenhauer seria o modelo a partir do qual os homens poderiam se aprimorar, e a filosofia schopenhauereana, o caminho a conduzir o homem a um patamar superior de cultura: "Era, então, um embalar-se nos meus desejos, quando imaginava poder encontrar como educador um verdadeiro filósofo, que fosse capaz de erguer uma pessoa além da insatisfação congênita da época". (*Schopenhauer como educador*, p. 5).

Sobre o futuro das instituições educativas

Em 16 de janeiro de 1872, Nietzsche pronuncia a primeira das cinco conferências, enfileiradas sob o título "Sobre el Porvenir de nuestras Instituciones Educativas", a última será no dia 23 de março. Em três delas, Nietzsche fala do futuro da escola de seu tempo.

Na Primeira Conferência, ele diz que as escolas alemãs estão dominadas por duas correntes aparentemente contrárias, ambas igualmente destrutivas, a primeira procurando ampliar e difundir a cultura o mais possível, e a segunda buscando restringir e debilitar a mesma cultura. Quanto às escolas modernas, Nietzsche afirma que elas deveriam fazer cada indivíduo evoluir na medida em que sua natureza permitir, de modo a que, de conformidade com o nível de conhecimento de cada um, possa obter o máximo de felicidade.

Na Segunda Conferência, Nietzsche vaticina que a escola contemporânea está com seus dias contados, porque não se vê em parte alguma manifestar-se a honradez, mas apenas a pobreza espiritual dos professores. É aí, segundo ele, que justamente faltam talentos realmente inventivos, homens verdadeiramente práticos, que tenham idéias novas e boas, que apresentem simultaneamente autêntica genialidade e práxis (ou seja, poder de transpor a teoria para a prática educativa e vice-versa).

Na Terceira Conferência, Nietzsche diz estar à espera de que as futuras atividades da escola sejam as de uma autêntica escola de cultura, voltada ao enaltecimento da

nova geração com respeito às coisas verdadeiramente alemãs. Em uma escola deste tipo, até a chamada "cultura clássica" acabaria encontrando terreno fértil para germinar. Esta nova educação, segundo ele, teria de canalizar seus esforços na formação, aumentando o número de escolas, produzindo, assim, professores conscientes de sua responsabilidade.

Nietzsche critica a tradição educativa e propõe uma nova *paidéia*. A educação vinha se caracterizando por ser utilitária e profissionalizante, e não voltada à aquisição da verdadeira cultura, fazendo-se necessário reativar a busca da cultura clássica e tornar a instrução formativa. Assim, o modelo educativo preconizado por Nietzsche diz respeito a um novo homem de cultura e civilização, centrado em valores que visem a formação do espírito livre.

Os quatro pilares da UNESCO

O livro de Jacques Delors, *Educação: um tesouro a descobrir, ou Relatório Mundial de Educação 2000*, traz os principais pontos prescritos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para a educação do nosso século.

Em plena Sociedade da Informação, a educação tem deslocado o enfoque individual para o social, político e ideológico, e, neste contexto, a escola passa a ter como função desenvolver a capacidade de *ensinar a pensar criticamente*. Transformações experimentadas pela sociedade têm criado uma nova cultura, modificando as formas de produção e apropriação dos saberes, na contramão da escola tradicional, que privilegia a aprendizagem de conceitos, dados, datas etc., com foco no professor e no ensino.

Esta é, resumidamente, a abordagem apoiada nos quatro pilares da educação para o século XXI preconizados pela UNESCO. (Delors, 1998):

1. *Aprender a conhecer*: cujo foco passa a não ser apenas saberes codificados, mas instrumentos cognitivos; como o saber elaborado evolui infinitamente, não se pode mais falar em conhecimento total; a especialização não deve excluir a cultura geral, exercitando-se a atenção, memória e pensamento;
2. *Aprender a fazer*: centrado na questão de como fazer o aluno aplicar seus conhecimentos, tendo em vista as novas exigências do mundo do trabalho, que requer multi-especialistas polivalentes e flexíveis;
3. *Aprender a viver juntos, aprender a conviver*: segundo o Relatório, a educação tem por missão "transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e interdependência entre todos os seres humanos do planeta";
4. *Aprender a ser*: a educação "deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo — inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade" (...) preparando o ser humano "para elaborar pensamentos autônomos e críticos, formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo como agir nas diferentes circunstâncias da vida".

O educador Nietzsche revisitado: erros e acertos

Uma leitura mais atenta dos pontos centrais do Relatório revela que, face às novas demandas sociais, exige-se agora o domínio de conteúdos procedimentais, com ênfase no saber-fazer. O foco desloca-se para a aprendizagem, habilidades e competências, que visam a inserção dos futuros cidadãos na sociedade. Por isso, o objetivo do professor contemporâneo é criar condições para que o aluno possa “aprender a aprender”. Mas para que isso ocorra, há que se repensar a aquisição de informações naquela antiga relação passiva professor-aluno-livro didático, desancorada da realidade, que impossibilita transferir informações para diferentes situações. Não se nega aqui a importância dos conteúdos, desde que adequadamente aplicados a situações do cotidiano.

Finalmente é preciso apontar semelhanças e diferenças entre as novas tendências educacionais e as críticas e expectativas de Nietzsche, no século XIX.

Examinando-se as idéias nucleares do pensador quanto aos problemas verificados no sistema educacional alemão de sua época, nota-se, segundo cremos, uma certa contradição, qual seja a de que Nietzsche, fascinado pela cultura grega antiga e preso a uma particular concepção de mundo (vide suas noções de um deus morto, do super-homem, etc.), acerta na crítica às instituições escolares, mas erra nos possíveis instrumentos para solucionar os problemas. Assim, não é de se estranhar que, ao abraçar os valores da cultura grega clássica, naturalmente dela assimila também as ideologias. Como vimos no *Crepúsculo dos Ídolos*, se, de um lado, Nietzsche prescreve à escola o dever de ensinar a aprender a ver; a pensar; a falar e a escrever, de outro, admite que tal escola é elitista e aristocrática, restando no ar a pertinente interrogação sobre quais fundamentos filosófico-metodológicos esta escola de Nietzsche poderia prosperar.

Como vimos também, em suas *Considerações Extemporâneas*, especialmente na terceira, *Schopenhauer Educador*, publicada em outubro de 1874, Nietzsche critica a cultura de sua época, mas, nas últimas duas publicações, aponta como solução a adoção da filosofia de Schopenhauer e da música de Wagner como caminhos de uma possível renovação cultural na Alemanha, decerto alijando as pessoas desfavorecidas e privilegiando um certo academicismo, apenas talvez diverso (ou mais “elevado”) do que o praticado.

Essa discriminação pode ser comprovada em sua escolha de um educador ideal, no caso, Schopenhauer (um filósofo), e o de “grandes homens”, no caso, os poetas trágicos gregos, que não são, diga-se, figuras necessariamente “acessíveis” ao cidadão comum. Por isso, *seu aprender a aprender, a ver, a ler e a escrever* não são certamente destinados a todos, além de estarem, no nascedouro, comprometidos com uma ideologia altamente elitista e escravocrata, dividida sistematicamente entre homens livres (cidadãos) e o “resto”, além do que, a simples escolha de um mestre “competente” — como ele sempre procurou — mostra sua predileção pelo ensino centrado na figura do mestre, gênio, super-educador.

Portanto, Nietzsche tem em parte razão quando detecta defeitos ou quando elege uma educação baseada no aprender a ver; a pensar; a falar e a escrever, mas é no mínimo incongruente ao não perceber que sua saída consistiria apenas na substituição de um problema por outro, talvez de maior amplitude. Aliás, esta fragmentação do pensamento, assimetria lógica, exacerbadas idiosincrasias, altos e baixos, tornam-no

hoje um dos mais lidos, comentados e controvertidos pensadores (poetas ou literatos) da contemporaneidade.

Finalizando, há que se ressaltar que, ao contrário das idéias nietzscheanas, os “quatro pilares” da UNESCO (eixo paradigmático das idéias vigentes na educação do século XXI), não privilegia mestres, ensino, culturas, filosofias, ideologias, apreensão de conteúdos (não importa quanto “elevados” sejam), muito menos saberes disciplinares, mas insiste no domínio de instrumentos que estimulem a aprendizagem, melhorem a qualificação profissional pela aquisição de competências (colocando a práxis no centro do processo educativo), valorizando o outro e o trabalho solidário em equipe, visando o desenvolvimento total da pessoa e o pensamento autônomo e crítico.

REFERÊNCIAS

- DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Hemus, 1984.
- _____. **Schopenhauer como educador (Considerações Extemporâneas III)**. Tradução de Adriana Maria Saura Vaz. Campinas: FE/UNICAMP, 1999.
- _____. **Sobre el porvenir de nuestras instituciones educativas**. Tradução de Carlos Manzano. Barcelona: Tusquets, 2000.

